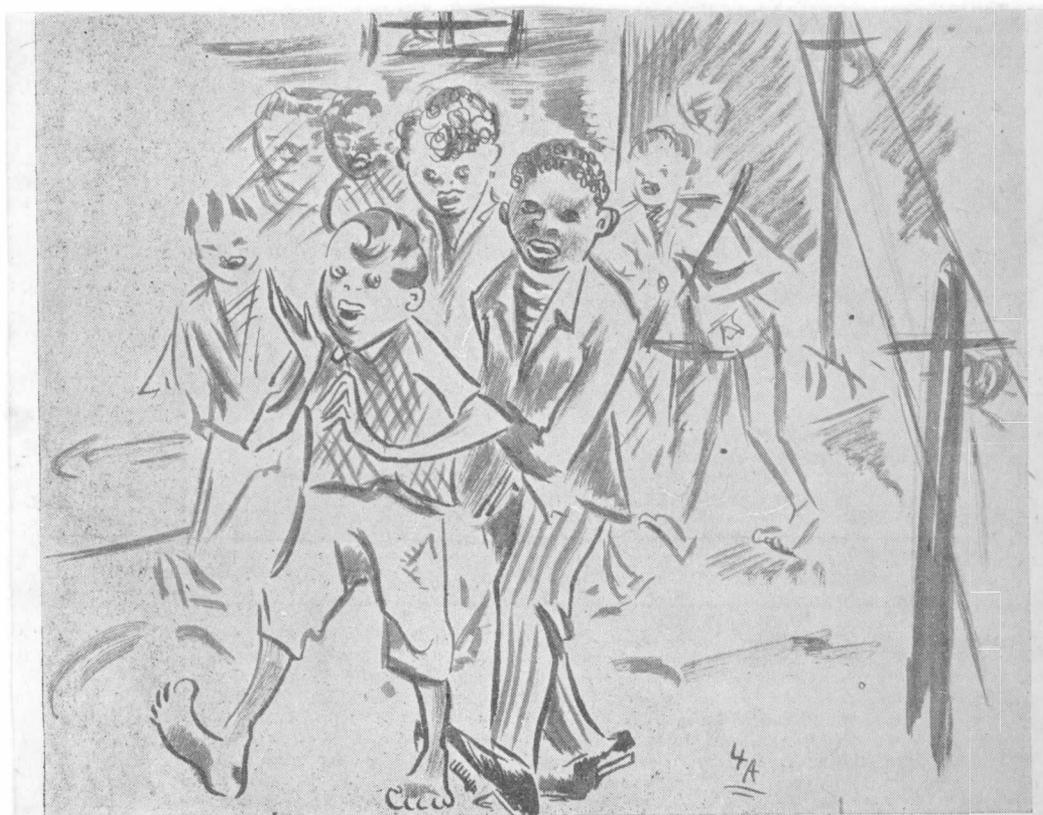


NOITINHA EM VILA IZABEL

Crônica de RUBEM BRAGA



227

ERA noitinha em Vila Izabel... As famílias jantavam. Os que ainda não haviam jantado chegavam nos ônibus e nos bondes. Chegavam com aquela cara típica de quem vêm da cidade. Os homens que voltam do trabalho da cidade. As mulheres que voltam das compras na cidade. Caras de bondes, caras de ônibus. As mulheres trazem as bolsas, os homens trazem os vespertinos.

Cada um entrará em sua casa. Se o homem tiver um cachorro, o cachorro o receberá no portãozinho, batendo o rabo. Se o homem tiver filhos, os filhos o receberão batendo palmas. Ele dará um beijinho mole na testa da mulher. A mulher mandará a empregada pôr a janta, e perguntará se ele quer tomar banho. Se houver rádio, o rádio será ligado. O rádio tocará um fox. Ouvindo o fox, o homem pensará em outra besteira idêntica. O homem dirá à empregada para dar comida às crianças. A mulher dirá que as crianças já comeram.

A empregada servirá à mesa. Depois lavará os pratos. Depois irá para o portão. O homem conversará com a mulher dizendo: mas, minha filha, eu não tive tempo...". A mulher ficará um pouco aborrecida e como nenhum dos dois terá ânimo para discutir, ela dirá: "mas, meu bem, você nunca tem tempo..." Então o homem, para concordar com alguma coisa, concordará com o seguinte: a empregada atual é melhor que a outra. A

outra era muito malcriada. Muito. Era demais. Essa agora é boazinha. Depois, sem propósito nenhum, o homem dará um suspiro. A mulher olhará o relógio. O homem perguntará que horas são. A mulher olhará outra vez, porque não tinha reparado.

— 8 e quinze...

No relógio da sala de jantar do vizinho serão quase 8 e vinte. Em compensação a família é maior. O velho estará perguntando ao filho se o chefe da repartição já está bom.

Na véspera o filho dissera ao pai que o chefe da repartição estava doente. O velho é aposentado. O filho está na mesma repartição. Eles têm um amigo que é importante na Prefeitura. Todos os três gostam de conversar a respeito da repartição. Talvez mesmo não gostem de conversar a esse respeito. Mas conversam. A casa da família é uma repartição. O velho está aposentado, não assina mais o ponto. A moça saiu com o namorado que é quase noivo e que a levará ao Boulevard, à praça 7 de Março, ao cinema. Eles vão acompanhados da menorzinha. A moça na repartição ganha 1.200 cruzeiros, mas só recebe mil cento e trinta e tantos, e se julga independente.

A sua tia costuma dizer aos conhecidos: ela tem um bom emprêgo. O emprêgo é tão bom que ela às vezes até trabalha. Ela um dia se casará e será muito infeliz. Perderá o emprêgo

228

por causa de uma injustiça e negócios de política, quando mudar o prefeito e o amigo de seu pai fôr aposentado. Depois do primeiro filho ficará doente e morrerá. A criança também morrerá. Também, coitadinha, viver sem mãe não vale a pena. A tia chorará muito e comentará: coitada, tão moça, tão boa...

E continuará vivendo. Aliás a vida é muito triste. Essa opinião é defendida, entre outras pessoas, pela cozinheira da casa, que já está velha e nunca vai ao portão. E' uma mulata desdentada e triste, que há quinze anos responde à mesma dona de casa: "eu já vou, dona Maria". E há quinze anos vai fazer o que dona Maria manda. E que nunca teve uma idéia interessante, por exemplo: matar dona Maria, incendiar a casa. Está tão cansada de viver que nem sequer mais quebra os pratos. Um dia ficará mais doente. Com muito trabalho, e por ser um homem de bom coração, o seu patrão arranjará para ela um leito na Santa Casa, onde ela falecerá. Seu corpo será aproveitado no Instituto Anatômico, mais escuro e mais feio pelo formol.

As luzes estão acesas em tôdas as casas daquela rua quieta de Vila Izabel. Um homem dobra a esquina; vai ao Boulevard. Algumas empregadas amam. Algumas famílias vão ao cinema.

De longe vem um rumor, um canto. Vem chegando. Tôda gente quer ver. São quinze, vinte moleques. Devem ser jornaleiros, talvez engraxates, talvez moleques simples. Nenhum tem mais de 15 anos. E' uma garotada suja. Todos andam e cantam um samba, batendo palmas para a cadência. Passam assim, cantando alto, uns rindo, outros muito sérios, todos se divertindo extraordinariamente. O côro termina, e uma voz de criança canta dois versos que outra voz completa. E o côro recomeça. Eles vão andando depressa como se marchassem para a guerra. O batido das palmas dobra a esquina. Ide, garotos de Vila Izabel. Ide batendo as mãos, marchando, cantando. Ide, filhos do samba, ide cantando para a vida que vos separará e vos humilhará um a um pelas esquinas do mundo.

O menino, filho do dr. Heitor, ficou com inveja, olhando aquêles meninos sujos que cantavam e iam livres e juntos pela rua. A empregada do dr. Heitor disse que aquêles eram os moleques, e que estava na hora de dormir. A empregada do dr. Heitor é de côr parda e namora um garboso militar que uma noite não virá ao portão e depois nunca mais aparecerá, deixando a empregada do dr. Heitor à sua espera e à espera de alguma coisa. De alguma coisa que será um molequinho vivo que cantará samba na rua, marchando, batendo palmas, desentoando com ardor.

"Revista do Globo" - 3/9/949

D. N. - 18. 11. 48

M 97 - 27. 2. 54

110 Conde e o P^o, 1935

227